

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

22 Mai 2015
21:00 Sala Suggia

102 ANOS.
HELENA SÁ E COSTA
ANO ALEMANHA

Leopold Hager *direcção musical*
Pedro Burmester *piano*

1ª PARTE

Joseph Haydn

Sinfonia n.º 69 em Dó maior, "Laudon"

(1776; c.22min.)

1. *Vivace*
2. *Un poco adagio più tosto andante*
3. *Menuetto e Trio*
4. *Finale: Presto*

Ludwig van Beethoven

Concerto n.º 1 em Dó maior, para piano

e orquestra (1795/rev.1800; c.36min.)

1. *Allegro con brio*
2. *Largo*
3. *Rondo: Allegro scherzando*

2ª PARTE

Felix Mendelssohn

Sinfonia n.º 4 em Lá maior, "Italiana"

(1833; c.28min.)

1. *Allegro vivace*
2. *Andante con moto*
3. *Con moto moderato*
4. *Saltarello: Presto*

INTEGRAL DOS CONCERTOS PARA PIANO DE BEETHOVEN III



casa da música



Maestro Leopold Hager sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/128393095>

Para aceder ao conteúdo vídeo, utilize o seu smartphone ou tablet para ler o código QR ou digite o endereço URL no seu browser de internet.

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA



PATROCINADOR ANO ALEMANHA



PATROCINADOR OFICIAL ANO ALEMANHA



CO-FINANCIADO POR



O NOVO NORTE
REGIÃO DE NOVA
LUSITANIA



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Joseph Haydn

ROHRAU, 31 DE MARÇO DE 1732

ROHRAU, 31 DE MAIO DE 1809

Sinfonia n.º 69 em Dó maior, “Laudon”

Do prolífero catálogo de Haydn (que ainda hoje apresenta inúmeras indefinições sobretudo pela quantidade de obras que lhe foram erroneamente atribuídas) fazem parte 104 sinfonias, 68 quartetos para cordas, aberturas, divertimentos, serenatas, trios para baryton, trios com piano, 47 sonatas para piano, canções, árias, cantatas, missas entre as quais a Missa de Santa Cecília e a Missa Mariazeller, 26 óperas e 4 oratórias como *O Regresso de Tobias*, *A Criação* e *As Estações*.

Entre 1775 e 1776, Haydn compunha a Sinfonia n.º 69, Hob. I/69, em Dó maior, à qual foi atribuído o epíteto de “Laudon” (que por vezes surge com a ortografia “Loudon”). Num momento de viragem do estilo *Sturm und Drang* que havia caracterizado as obras do compositor até então, o facto de Haydn estar envolvido, por estes anos, na composição de inúmeras óperas cómicas poderá ser uma hipótese de inspiração desta sinfonia, a que não podemos deixar de associar uma certa “ligeireza”.

O cognome “Laudon” terá sido talhado pelo editor Carlo Artaria, que promoveu igualmente uma versão para piano solo. Como estratégia publicitária, à sinfonia ficava associado o nome do herói austríaco Barão Ernst Gideon von Laudon. Não considerando possível a transcrição para teclado do último andamento, Haydn aceitou, contudo, a edição com fins comerciais dos primeiros três andamentos afirmando, certamente com uma dose de ironia, que o título “Laudon” seria suficiente

para garantir o sucesso de vendas. A obra passaria, contudo, ao lado da lista das mais conhecidas e interpretadas de Haydn.

Esta sinfonia pode ser paralelizada com outras de carácter festivo da obra do compositor, como é o exemplo da Sinfonia n.º 48, “Maria Theresia” (de onde teria recolhido algum material para a composição da Sinfonia n.º 69), e de várias outras da mesma fase.

O recurso à tonalidade de Dó maior é bem distintivo desta Sinfonia que se revela uma obra acessível, de textura linear, movendo-se dentro das convenções que informam outras sinfonias de carácter festivo do período Clássico. Com a orquestra enriquecida com trompetes e tímpanos, a alusão às fanfarras dos campos de batalha sublinhados pelo título torna-se mais evidente. A Sinfonia assenta num primeiro andamento *Vivace*, em compasso binário e forma-sonata, que dá o mote à obra; num segundo andamento *Un poco adagio più tosto andante*, onde observamos algumas subtilezas harmónicas e reviravoltas dinâmicas; num *Minuete e Trio* de carácter pomposo; e num quarto andamento *Finale: Presto*, que inicia com um interessante tecido contrapontístico nas cordas e tem como força a reposição do tom marcial e festivo do primeiro andamento.

Ludwig van Beethoven

BONA, 17 DE DEZEMBRO DE 1770

VIENA, 26 DE MARÇO DE 1827

Concerto n.º 1 em Dó maior, para piano e orquestra

Ludwig van Beethoven chegou a Viena na segunda semana de Novembro de 1792 com o principal propósito de estudar com Joseph Haydn. Quando, dois anos depois, Haydn partiu para Inglaterra, na sua viagem de 1794, Beethoven começou as ter aulas com Johann Georg Albrechtsberger, *Kapellmeister* na Catedral de Santo Estêvão (Stephansdom) e o mais famoso professor de contraponto em Viena. Mais tarde, procuraria ainda Antonio Salieri, especialista no domínio da escrita operática italiana que Beethoven, contudo, nunca desenvolveria.

O grande objectivo da vinda para Viena por parte de Beethoven era, porém, a sua afirmação enquanto pianista e compositor. Anteriormente organista e pianista da corte de Bona, protegido do Conde Waldstein e aluno de Haydn, não lhe foi difícil penetrar nos círculos aristocráticos vienenses, famosos pelo apoio, interesse e devoção pela música. A composição do Concerto para piano e orquestra n.º 1, em Dó maior, integra esta fase de afirmação vienense.

Já reconhecido enquanto pianista, Beethoven apostou desde logo no instrumento que se estava a desenvolver velozmente no final do século XVIII, e que acabaria por substituir definitivamente o cravo. Dialogando com fabricantes, recebendo pianos tanto da casa Érard como Bradwood, que recolhiam avidamente todos os comentários e possibilidades de aperfeiçoamento, Beethoven pro-

curará extrair todas as possibilidades expressivas do instrumento, bem como a sua força sonora, pondo ainda em evidência o seu brilhantismo e virtuosismo nomeadamente através do carácter de improvisação que era distintivo do compositor.

Beethoven terá composto o Concerto n.º 1 no ano de 1795, e tê-lo-á estreado a 18 de Dezembro do mesmo ano, num recital organizado por Haydn em que, após o regresso da sua terceira viagem a Londres, apresentava três das suas mais recentes sinfonias. Apesar de estar catalogado como o primeiro dos seus concertos, este terá sido o segundo a cuja composição e revisão ostensiva Beethoven se dedicou, sendo no entanto o primeiro a ser editado e impresso, em 1801, com uma dedicatória à Princesa Barbara Odescalchi.

O Concerto n.º 1, embora mostrando as influências de Mozart e Haydn, nomeadamente na forma e instrumentação, apresenta-se já com a tonalidade e o sentido dramático que caracterizariam o compositor nas fases subsequentes da sua carreira. Para Beethoven, contudo, ele não figurava por entre as suas obras mais bem conseguidas, possivelmente por comparação com os trabalhos que tinha em mãos por esta mesma altura: os Quartetos de cordas op. 18 e a Sinfonia n.º 1.

O primeiro andamento, construído sobre uma forma-sonata, abre com um tema na orquestra, em jeito marcial, que vai ganhando força e estrutura à medida que se apresenta. Também este é um concerto de carácter festivo, marcial, com uma orquestração na linha dos concertos em Dó maior de Mozart, com destaque para os sopros (de destacar os clarinetes e o trompete) e a percussão. Ainda no primeiro andamento, segue-se o tema contrastante de carácter lírico, em Mi bemol, num gesto que marcará as progressões

harmónicas que o compositor desenvolverá no futuro. A orquestra e o piano assumem posturas distintas: a primeira mais determinada e cadenciada; o segundo mais intimista e expressivo. Beethoven comporia três possíveis cadências para este andamento, com durações e dificuldades distintas.

O segundo andamento, *Largo* em Lá bemol maior, avança já o tom do *Adagio* da Sonata Patética, sendo de grande novidade estilística. Numa lírica forma tripartida A-B-A, a textura orquestral é delicada e o clarinete solo emerge orquestra e revela grande protagonismo. Mais do que repetir materiais, Beethoven constrói a sensação de um desenvolvimento de ideias. O andamento final, *Rondo: Allegro scherzando*, retorna a Dó maior e trata-se de um rondó de grande exuberância, sentido rítmico e contratempos sucessivos em que o tema é apresentado no piano para ser logo de seguida retomado pela orquestra.

O Concerto em Dó maior revelava desde logo a grande escala característica do compositor, nomeadamente quando comparado com outros concertos da mesma época. Apesar de geralmente falarmos da segunda fase da vida de Beethoven, a fase “heróica”, a partir de 1802/3, esta obra tem já as características que o distinguirão podendo, sem demasiada margem de discussão, ser defendido estilisticamente como um concerto de charneira.

Felix Mendelssohn

HAMBURGO, 3 DE FEVEREIRO DE 1809

LEIPZIG, 4 DE NOVEMBRO DE 1847

Sinfonia n.º 4 em Lá maior, “Italiana”

O caso da recepção de Felix Mendelssohn-Bartholdy assume contornos interessantes: idolatrado em vida pelos seus contemporâneos, alguns dos quais, como é o exemplo de Schumann, o viam como um modelo de artista ideal, foi de alguma forma criticado e desvalorizado pelas gerações que se seguiram, até praticamente meados do século XX, em que se assiste a uma definitiva reavaliação e reavaliação do compositor. Muitos dos seus críticos associaram a sua situação financeiramente confortável a um resultado musical que consideraram “superficial” ou “inferior”, talvez pela sua elegância clássica e emoções contida. Wagner, por exemplo, inicia contra ele uma dura polémica e Debussy não lhe poupou críticas, nomeadamente através das palavras de Monsieur Croche que, surpreendido com a admiração que Schumann nutria por Mendelssohn, associa a este e à sua música expressões irónicas como “classicista romântico” ou “romantismo feliz”. Já no século XX, e com o regime nazi, esta tendência chega ao extremo com a proibição de execução da sua música, desta feita com uma clara motivação anti-semita.

Foi com o incentivo do seu pai, o bem-sucedido banqueiro Abraham Mendelssohn, que, de 1829 a 1833, Felix Mendelssohn empreendeu uma série de viagens por Inglaterra, Itália, Escócia, França (onde em Paris contacta com Chopin, Meyerbeer e Liszt), quase sempre dirigindo concertos e não cessando nunca a sua actividade como

compositor. Nos dois anos que se seguiram, aceitaria o cargo de director de orquestra em Düsseldorf e levaria a cabo um intenso trabalho ao nível da interpretação das oratórias de Händel. Extremamente dotado como director de orquestra, havia já dirigido na Singakademie de Berlim, em 1829, a *Paixão segundo São Mateus* de Johann Sebastian Bach, cem anos após a sua primeira apresentação, personificando assim o início do processo de redescoberta de Bach que viria a ser denominado de Bach Revival. Não surpreende, pois, que a sua oratória *São Paulo*, encomendada em 1831, siga como modelo as linhas formais das obras corais de Bach, Händel e Haydn, tal como o legado da tradição ocidental nunca deixa de estar impresso na sua escrita.

A Sinfonia n.º 4 em Lá maior, op. 90, conhecida como “Italiana”, foi justamente esboçada na viagem que Mendelssohn empreendeu pela Europa e que seria também inspiradora da Sinfonia n.º 3 “Escocesa” e da Abertura “As Hébridas”. Motivada “pelas pessoas, pelas paisagens e pela arte” com que o compositor se cruzou na passagem por Itália onde, de resto, começou a ser composta, a escrita da Sinfonia n.º 4 continuaria a ser desenvolvida em Paris, sendo apenas terminada em Berlim, a 13 de Março de 1833, como resposta a uma encomenda e convite da London Philharmonic Society. Em Londres, a obra estreava a 13 de Maio do mesmo ano sob a batuta do próprio compositor, num concerto onde o próprio Mendelssohn apresentava ao piano o Concerto em Ré menor n.º 20 de Wolfgang Amadeus Mozart e em que um entusiasta Niccolò Paganini estava presente. Durante mais de duas décadas, os compositores ingleses foram inspirados e colheram influências das impressões causadas por esta estreia. Mas, não obstante

o sucesso conseguido, Mendelssohn não ficara satisfeito com o resultado, fazendo revisões sucessivas que englobavam planos de reformulação de vários andamentos (nomeadamente o seu emblemático *Finale*, ironicamente tão apreciado pela crítica posterior) e que resultaram na opção do compositor por não publicar esta obra. Apenas em 1851, já depois da sua morte, a “Italiana” era editada e impressa como a sua 4ª Sinfonia, apesar de ter sido a segunda a ser composta.

A obra assenta em quatro andamentos: *Allegro vivace*, *Andante con moto*, *Con moto moderato* e *Saltarello: Presto*. O primeiro andamento, em forma-sonata, surge imbuído de formas e técnicas típicas do Classicismo e pleno de influências mozartianas revelando, ainda assim, um estilo que tudo deve ao Romantismo nomeadamente no que diz respeito à exploração da cor harmónica da orquestra: madeiras e trompas acentuam o tom de celebração e o sentido rítmico deste *Allegro vivace* em que o primeiro tema alegre e pontuado se entrelaçará finalmente com um segundo tema, mais delicado, conduzindo a um final vivaz e caloroso. O andamento lento que se segue, em compasso ternário, de grande delicadeza e solenidade, é caracterizado por vários elementos contrapontísticos. A recente morte de Goethe, que tanto o influenciara, e do seu professor Carl Friedrich Zelter (ambos falecidos em 1832) ou uma procissão a que teria assistido em Nápoles ou Roma têm sido apontadas como possíveis motivos inspiradores deste introspectivo excerto.

O terceiro andamento, *Con moto moderato*, trata-se de um minueto onde o principal motivo se distribui pelas violas e pelos segundos violinos. Madeiras e trompas no trio central criam um ambiente de natureza e de encantamento. O *Finale*, que deixou Men-

delssohn profundamente insatisfeito, tem o título de *Saltarello*, uma dança de pares napolitana que remonta ao século XIV. De facto, algures entre o saltarello e tarantella, este andamento é caracterizado por um turbilhão rítmico de grande exaltação que fez as delícias do público londrino aquando da sua estreia em 1833.

ROSA PAULA ROCHA PINTO, 2015

Leopold Hager *direcção musical*

O maestro austríaco Leopold Hager estudou direcção, órgão, piano, cravo e composição no Mozarteum de Salzburgo, a sua cidade natal. Depois de ocupar vários cargos em Mainz, Linz e Colónia, tornou-se Director-Geral de Música em Freiburg/Breisgau, depois Maestro Principal da Orquestra do Mozarteum em Salzburgo e, até 1996, Director Musical da Orquestra Sinfónica RTL do Luxemburgo. Para além do seu trabalho intenso como maestro, entre 1992 e 2004 foi Professor de Direcção Orquestral na Universidade de Música de Viena. Entre 2005 e 2008, foi Maestro Titular da Volksoper em Viena. É Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde Janeiro de 2015.

Tem desenvolvido relações duradouras com a Ópera de Viena e apresenta-se frequentemente em muitas das principais casas de ópera do mundo, incluindo a Ópera da Baviera em Munique, Semperoper de Dresden, Metropolitan de Nova Iorque, Chicago Lyric Opera, Royal Opera House Covent Garden em Londres, Teatro Colón em Buenos Aires e Ópera da Bastilha em Paris. Dirigiu também na Ópera de Lyon, Teatro Nacional de Praga e Festival de Edimburgo.

A sua grande experiência torna-o um maestro muito requisitado, tendo dirigido as principais orquestras da Europa e EUA. A sua relação próxima com a English Chamber Orchestra está largamente documentada em várias gravações. Tem dirigido repetidamente a Filarmónica de Viena, não só em Viena, mas também em Praga e Roma. Esta colaboração prosseguiu em 2013 com a

interpretação do *Requiem* de Mozart, novamente em Roma.

Leopold Hager é conhecido como um defensor pioneiro da interpretação mozartiana, particularmente pelas suas apresentações em concerto, em Salzburgo, das obras cénicas de juventude até então praticamente desconhecidas, tais como *Lucio Silla*, *Apollo et Hyacinthus*, *Ascanio in Alba* ou *La Betulia liberata*. Durante a Semana Mozart de Salzburgo, em 1979, dirigiu a primeira interpretação completa de *Il sogno di Scipione*. As suas gravações destas obras com cantores de topo são ainda referências na discografia. A sua extensa discografia inclui ainda todos os Concertos para piano e Árias de concerto de Mozart.

Pedro Burmester *piano*

Pedro Burmester nasceu no Porto. Foi aluno de Helena Costa, terminando o Curso Superior de Piano do Conservatório do Porto com 20 valores. Nos Estados Unidos trabalhou entre 1983 e 1987 com Sequeira Costa, Leon Fleisher e Dmitry Paperno. Paralelamente, frequentou masterclasses com pianistas como Karl Engel, Vladimir Ashkenazi, T. Nocolaieva e E. Leonskaja.

Ainda muito novo, foi premiado em diversos concursos, destacando-se o prémio Moreira de Sá, o 2º prémio Vianna da Motta e o prémio especial do júri no Concurso Van Cliburn nos EUA. Iniciou a actividade concertística aos 10 anos de idade e, desde então, já realizou mais de 1.000 concertos a solo, com orquestra e em diversas formações de música de câmara, em Portugal e no estrangeiro. Participou em todos os festivais de música portugueses. No estrangeiro são de realçar apresentações em La Roque d'Anthéron, Salle Gaveau, Festival de Flanders, Frick Collection e 92nd Y em Nova Iorque, Filarmónia de Colónia, Gewandhaus de Leipzig, Casa Beethoven em Bona e Concertgebouw em Amesterdão. Em 1997-98 realizou uma *tournée* por oito países com a prestigiada Orquestra de Câmara Australiana.

Colaborou com os maestros Manuel Ivo Cruz, Miguel Graça Moura, Álvaro Cassuto, Omri Hadari, Gabriel Chmura, Muhai Tang, Lothar Zagrosek, Michael Zilm, Frans Brüggen e Georg Solti.

Dedicou-se também à música de câmara, ao lado de músicos como o pianista Mário Laginha, os violinistas Gerardo Ribeiro e Thomas Zehetmair, os violoncelistas Anner Bylisma e Paulo Gaio Lima e o clarinetista António Saiote.

Formou um grupo de pianos e percussões que tem actuado com grande sucesso.

A sua discografia conta uma dezena de CDs, incluindo três CDs a solo com obras de Bach, Schumann e Schubert, um em duo com Mário Laginha e três gravações com a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Gravou obras de Chopin a solo e as dez sonatas para violino e piano de Beethoven com Gerardo Ribeiro. Em 2007, com Bernardo Sassetti e Mário Laginha, editou o CD e DVD “3 Pianos”. Em 2010 foi editada a Sonata em Lá maior, D. 959 de Schubert e os Estudos Sinfónicos op. 13 de Schumann. Em 2013 estreou-se na Casa da Música, num recital editado em disco duplo em Janeiro de 2015.

Foi Director Artístico e de Educação na Casa da Música, projecto que ajudou a criar e a implementar. Actualmente, para além da sua actividade artística, é professor na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo no Porto.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a

orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas acções educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
José Despujols
Andras Burai
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
Maria Kagan
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Jorman Hernandez*
Diogo Coelho*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Lilit Davtyan
Germano Santos
José Paulo Jesus
Domingos Lopes
Mariana Costa
Paul Almond
Nikola Vasiljev
José Sentieiro

Viola

Simon Tandree*
Jean Loup Lecomte
Biliana Chamlieva
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Emília Alves
Theo Ellegiers
Mateusz Stasto
Beata Costa*
Manuel Costa*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Gisela Neves
Hrant Yerosyan
Sharon Kinder
Aaron Choi
Bruno Cardoso

Contrabaixo

António A. Aguiar*
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Joel Azevedo
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók

Clarinete

Luís Silva
António Rosa

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov

Trompa

Bohdan Sebestik
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo

Tímpanos

Paulo Oliveira

*instrumentistas convidados



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mds PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
COM 11 SALAS DE CONFERÊNCIAS

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

